

PLANEJAMENTO DE ESTUDOS: subsídios para uma proposta de ação pedagógica com alunos de EaD do município de Porto Franco – MA

Kellen Regina Moraes Coimbra¹, Sylvania Cavalcante Sá²

¹ Aluna do Curso de Mestrado em Educação – UFMA; Técnica em Assuntos Educacionais. Núcleo de Educação a Distância – NEaD-UFMA. São Luís – MA – Brasil.

² Coordenadora Pedagógica e Tutoria do NEaD. Tutora da disciplina EaD. São Luís – MA – Brasil.

[kellen@ufma.br, sylvania@ufma.br]

Abstract: This study reports the first results of a survey conducted with students of the Distance Education Center of Porto Franco, municipality of the State of Maranhão. We emphasize that this research has an axis of the planning studies, understood as a means to build the autonomy of the student and should DL based pedagogical actions undertaken by the teaching staff of the Center for Distance Education, Universidade Federal do Maranhão - NEAD / UFMA, to improving the teaching-learning process by providing courses in development.

Resumo: Este estudo relata os primeiros resultados de uma pesquisa realizada com alunos e alunas de Educação a Distância do Pólo de Porto Franco, município do Estado do Maranhão. Destacamos que essa pesquisa tem como eixo o planejamento de estudos, entendido como meio para construção da autonomia pelos alunos e alunas de EaD e deverá embasar as ações pedagógicas desenvolvidas pela equipe pedagógica do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Maranhão - NEAD/UFMA, visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem proporcionado pelos cursos em desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O que nos propomos, enquanto professores e educadores que somos, é fazer educação. É o que sabemos fazer e queremos fazê-lo das formas mais diferentes e da melhor maneira possível, dentro das limitações objetivas que o sistema nos coloca e tenta nos impor.

(Oreste Preti)

Sendo a socialização das novas gerações uma das funções primordiais da educação, é *mister* que pela educação se garanta a inserção dos sujeitos sociais nas práticas que caracterizam a sociedade em que vivem, isto inclui “necessária e logicamente a preparação dos jovens indivíduos para o uso dos meios tecnológicos disponíveis na sociedade, seja o arado seja o computador”. [Belloni 2002]. Entretanto, diversos estudos vêm identificando na atualidade uma tendência em se considerar as novas tecnologias como meio de desumanização dos processos educativos e relacionais, o que desencadeia uma intolerância aos recursos tecnológicos, principalmente no âmbito educacional. Isto se justifica por conta de uma crença infundada de que a tecnologia se resume apenas aos instrumentos e invenções mais recentes (tais como o computador), tal crença é também expressão de nossa resistência às coisas que ameaçam nossas certezas e se insere com precisão no mundo contemporâneo, caracterizado como um mundo de incertezas, onde buscamos resistir.

Ressaltamos, nesse sentido, que uma postura de negação ao uso das novas tecnologias, especialmente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), na educação torna-se ao mesmo tempo uma forma de negação da cultura do nosso tempo e inviabiliza, ou no mínimo dificulta, o desenvolvimento de um juízo crítico sobre elas. Tal como assegura Sancho (1998), ao adotar posturas extremas de aceitação ou negação a-críticas das inovações tecnológicas, professores e profissionais da educação “não reconhecem a natureza do problema que pretendem resolver por meio de sua atuação, o que os situa em uma posição a partir da qual lhes é difícil dar resposta à problemática da educação escolar”.

Necessário se faz que as bases teóricas que regem a educação, seja à distância ou presencial, sejam condizentes com as condições materiais em que vivem seus autores, considerando as transformações cotidianamente negociadas no mundo globalizado, tendo em vista que a globalização afetou “as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro”. [Bauman 2005].

Na confluência dessas transformações do mundo globalizado, a Educação a Distância (EaD), legalmente constituída como modalidade do sistema de ensino brasileiro, vem se firmando nas últimas décadas, em grande parte por conta da expansão das TIC, mas fundamentalmente como reconhecimento de sua capacidade de gerar formas inclusivas de ação e educação. Por essa razão, os discursos que fundamentam a EaD podem se sustentar pela defesa de sua capacidade de atender a populações sistematicamente excluídas das instituições educativas devido ao isolamento geográfico, às condições econômicas e trabalhistas, dentre outras.

Considerando-se, dessa forma, os processos excludentes que marcam as vidas de grande parte das pessoas que utilizam a EaD, a preocupação que orienta as ações

desenvolvidas pelo Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Maranhão (NEaD/UFMA) é justamente de garantir a efetivação de processos educativos capazes de viabilizar uma educação pautada no compromisso social, ético, que oportunize aos seus alunos e alunas uma formação criativa, crítica e cidadã. Para tanto, uma estratégia pensada pelo NEaD foi a realização de um planejamento sistemático do tempo de estudos por parte dos alunos, o qual acreditamos ser uma ferramenta capaz de integrar as condições reais de tempo e interesses do aluno e as exigências de um curso de graduação.

Este artigo visa, portanto, discutir a importância do planejamento de estudos pelo aluno de Educação a Distância para o sucesso de sua aprendizagem. Para tanto apresenta os dados de uma pesquisa realizada com alunos de EaD da cidade de Porto Franco, no Estado do Maranhão, uma do curso de Química e uma de Administração. Com esta pesquisa objetivamos subsidiar a implementação de ações a serem desenvolvidas pela equipe pedagógica do NEaD visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem, tendo o planejamento como eixo.

PLANEJAMENTO DE ESTUDOS COMO MEIO PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO ALUNO DE EAD

A Educação a Distância requer a participação do aluno como sujeito ativo. Entretanto, segundo Preti (2000), essa “situação de aprendizagem ‘individual’” é, ao mesmo tempo, o *calcanhar de Aquiles* dessa modalidade, pois o mesmo aluno de quem se requer responsabilização e autonomia na elaboração e avaliação de suas ações, foi formado, e vive inserido em um sistema de ensino (e numa sociedade) regido por uma concepção de conhecimento hierarquizado, pela qual cabe ao Professor, e não ao aluno, a posse do *poder de saber*. Essa condição, que vem se mantendo em nossas práticas de ensinar e aprender, nos faz inseguros de nossa capacidade de reflexão, de sermos produtores de conhecimento crítico e criativo, e nos deixa, muitas vezes, meramente deslumbrados ou assustados diante do conhecimento e de seus produtos, como os recursos tecnológicos.

Mas, o aluno de EAD dispõe de condições específicas de estudos e aprendizagem e necessita superar essas limitações, posicionando-se enquanto guia e juiz de suas próprias ações, ainda que não seja possível prescindir do auxílio de parceiros como Professores e tutores.

Na EaD a relação entre Professores e alunos é incisivamente mediada pelas tecnologias, isto faz com que o aluno seja tomado por um sentimento de abandono, o qual necessita ser superado progressivamente pela consolidação de sua autonomia nos estudos. Para que o aluno possa alcançar essa condição de autonomia plena, ou se aproximar o máximo possível dela, sendo capaz de promover sua autoformação, as ações propostas pelo Professor precisam viabilizar a integração entre os saberes discentes e as propostas da educação formal. Isto certamente não é uma tarefa fácil, pois conforme mencionamos, estamos inseridos num sistema no qual o Professor é o *dirigente*.

A autonomia deve ser pensada, nesse contexto, em suas dimensões pedagógicas e política, sendo que o político deve estar intrínseco ao pedagógico. Segundo Preti (2000), o sentido pedagógico implica,

[...] de um lado reconhecer no outro sua capacidade de ser, de participar, de ter o que oferecer, de decidir, de não desqualificá-lo, pois, a educação é um ato de liberdade e de compartilhamento. E nesse sentido, ela revela sua estreita e indissociável ligação com o político.

Por outro lado, significa a capacidade que o sujeito tem de ‘tomar para si’ sua própria formação, seus objetivos e fins; isto é, tornar-se sujeito e objeto de formação para si mesmo.

Podemos, portanto, considerar a construção da autonomia como um processo inacabável e que não se consolida de maneira linear. Durante todo seu percurso formativo o sujeito vai vivenciando experiências que o aproximam mais ou menos de uma prática autônoma. No caso do adulto, vamos observar que ele pode já haver desenvolvido alto grau de autonomia em outras áreas de suas vidas, como no trabalho por exemplo, mas se sentir extremamente inseguro quanto à sua escolarização.

Essa construção da autonomia na vida acadêmica de alunos de EaD será facilitada pela capacidade de estabelecerem seus estudos como parte de suas vidas cotidianas, pela possibilidade deles se sentirem confortáveis nos espaços de aprendizagem e poderem perceber/formular interações com suas experiências cotidianas, especialmente de trabalho, também pelos meios e parceiros de que puderem dispor.

Entendemos, nesse sentido, que o planejamento de estudos pelo aluno de EaD se apresenta como uma ação capaz de favorecer o alcance dessa condição de *ser autônomo*, uma vez que poderá orientá-lo para o desenvolvimento de suas atividades, aliando disciplina e autonomia [Aretio 2005]. Nessa perspectiva, o planejamento do tempo de estudos deverá prever situações, espaços, fontes e recursos diversificados, de maneira que a condição acadêmica faça parte e não se mantenha à parte, como um apêndice, das experiências diárias.

Tal visão impõe a participação do aluno no processo decisório e foi com esse entendimento que propusemos algumas questões aos alunos e alunas dos Cursos de Administração e Química do Município de Porto Franco. Para nos permitir ver que importância eles atribuem ao planejamento de estudo, o que levam em consideração em seu planejamento (se o realizam), de quanto tempo dispõem diariamente e qual o melhor momento da jornada diária para se dedicar aos estudos. Também buscamos saber as dificuldades encontradas para a realização desse planejamento, as fontes e os lugares que preferem e, por fim, como avaliam o suporte disponibilizado pelo NEaD enquanto gerenciador e motivador de sua ação educativa.

Disponibilizamos os questionários na plataforma dos cursos, que é o ambiente virtual de aprendizagem – ava, contando com a participação de 42 (quarenta e dois) estudantes do Curso de Administração e 49 (quarenta e nove) do Curso de Química. Dos estudantes respondentes todos afirmaram concordar sobre a importância que a organização do tempo de estudo assume para a realização de um curso a distância com qualidade. Tal constatação reveste-se de importância visto que ratifica nosso entendimento e situa as ações a serem implementadas como uma necessidade e não uma imposição aos alunos.

Ao serem questionados quanto ao que levam em consideração ao planejarem seu tempo de estudos, 75% concordaram plenamente que o calendário de provas e o tempo livre devem ser considerados. Este poderia ser considerado um dado preocupante, pois

parece denotar o entendimento da própria formação como uma situação à parte da rotina, limitado à garantia de boas notas. Entretanto, por se referir à realidade de alunos/a de EaD, requer ser visto como um indicativo das reais possibilidades desses alunos.

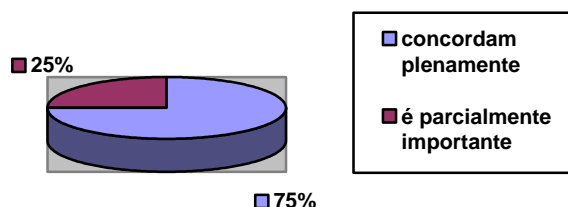


Figura 1: Representação gráfica do percentual de alunos que consideram o calendário de provas e o tempo livre fatores fundamentais para o planejamento de estudos

Quando confrontamos esses resultados, da importância atribuída ao calendário de provas e o tempo livre, ao número de horas e o período do dia dedicado aos estudos, percebemos que, assim como analisava Morais Filho (2008), o aluno de EaD é um sujeito adulto, já inserido no mercado de trabalho e que, portanto, precisa compatibilizar seus horários de estudos com o horário de trabalho.

As figuras 2 e 3 vêm ratificar a dedicação dessas pessoas em buscar conciliar horários de trabalho e estudos. Na figura 2 identificamos que a maior parte dos alunos reconhece a importância de muitas horas de estudo, sendo que 60% (sessenta por cento) consideram o ideal acima de 3 horas diárias. E na figura 3, verificamos que o turno noturno e os intervalos de trabalho são apontados como os melhores períodos do dia para a revisão e aprofundamento das disciplinas.

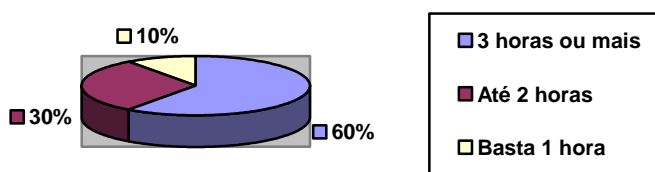


Figura 2: Gráfico do número de horas diárias dedicadas aos estudos

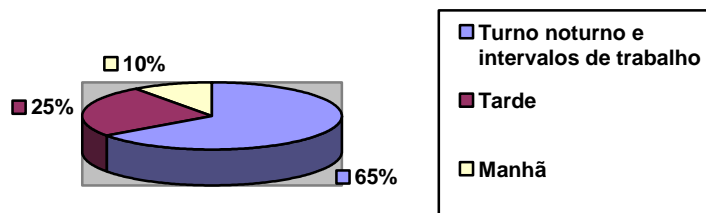


Figura 3: Gráfico que representa o período do dia dedicado aos estudos

Essa condição de trabalho também figura aos alunos como um interposto ao planejamento, por tomar grande parte de suas rotinas. Conforme verificamos na figura abaixo, 50% dos alunos concordam que a falta de tempo é o que mais dificulta seus estudos.

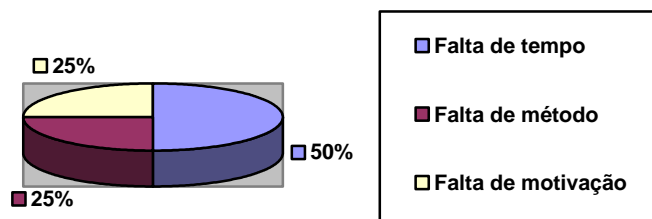


Figura 4: Gráfico que representa as dificuldades encontradas para o planejamento de estudos

Quando questionados sobre o melhor lugar para os estudos individuais, 80% concordaram ser em casa e 20% citaram o pólo. A nosso ver este pode ser mais um indicativo do quanto os horários de trabalho absorvem esses alunos, pois em casa, ao mesmo tempo em que estudam, podem resolver pequenas questões domésticas. Apesar disto, este será um ponto a aprofundar num segundo momento da pesquisa, uma vez que, um percentual tão baixo de alunos que recorrem ao pólo representa também uma subutilização desse espaço que dispõe de ferramentas tecnológicas capazes de muito contribuir para as aprendizagens desenvolvidas.

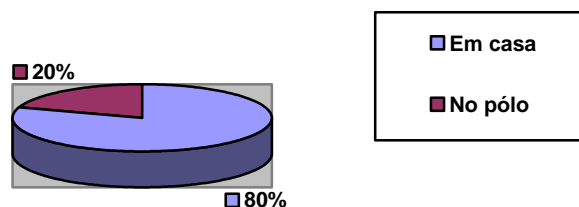


Figura 5: Gráfico que indica os locais considerados mais apropriados para os estudos

Um aspecto que consideramos muito positivo do ponto de vista da formação acadêmica é o fato de 45% dos entrevistados concordarem que os livros são a melhor fonte de pesquisa, enquanto 25% dos estudantes apontaram a internet e os outros 30% consideraram a diversidade de fontes, atribuindo igual valor à livros, periódicos e à internet.

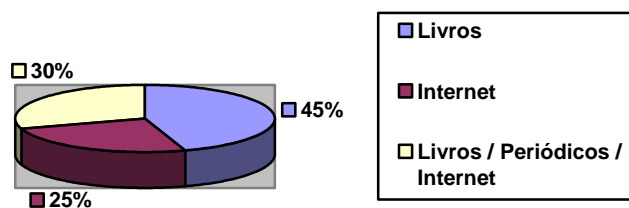


Figura 6: Gráfico que indica as fontes de pesquisa mais utilizadas

Tendo em vista que esses discentes estão cursando uma graduação em meio virtual, julgamos pertinente averiguar com mais precisão as razões pelas quais não estão, se é que não estão, usufruindo de todas as ferramentas disponíveis na rede, pois conforme sabemos ali estão disponíveis diversos estudos, muitos acervos de bibliotecas renomadas, além das possibilidades de interações com estudiosos de diversas áreas que poderiam lhes trazer valiosas contribuições. Essa preferência pelo livro impresso tanto pode indicar o desconhecimento das ferramentas da rede, como pode ser tão somente uma expressão de nossa arraigada “cultura do impresso” [Chartier 1997]. As condições socioeconômicas também podem ajudar a entender essas questões, pois nem todos os

alunos dispõem de acesso à internet em suas casas, de forma que os impressos tornam-se bem mais acessíveis.

Contudo, não podemos desconsiderar que a internet assume hoje no contexto educacional a qualidade de uma ferramenta fundamental na vida do homem pós-moderno [Aretio, 2005] e, assim como outras tecnologias, é primordial “para facilitar as tarefas para o estudante e, principalmente, para ajudá-lo no melhor aproveitamento do seu tempo e dos seus esforços” [Roca 1998].

A questão que finalizou o questionário gerador destas análises se referiu às impressões dos entrevistados quanto ao suporte disponibilizado pela Coordenação do curso e, diante das respostas que obtivemos, ratificamos a necessidade de uma ação pedagógica direcionada ao planejamento de estudos pelo aluno, uma vez que pensar a ação do aluno de EaD implica pensar a ação do Professor e de todos os demais envolvidos no processo, sendo que a Coordenação de Curso vai assumir uma grande relevância, dadas as relações singulares entre alunos e Professores nesta modalidade.

Conforme é indicado no gráfico abaixo, os alunos reclamam uma atuação mais constante por parte da coordenação. A esta cabe gerenciar os processos pedagógicos de forma que o aluno se sinta encorajado a planejar seu próprio tempo e espaço, tendo como respaldo as tecnologias, cabe também intermediar as funções docentes de forma à garantir a esses alunos um campo de trabalho seguro: “se é verdade que atualmente a ênfase é colocada no aluno, o resto deve estar em função da pessoa que precisa aprender [...], inclusive o sistema organizador tem que se ajustar a estas colocações” [Roca 1998].

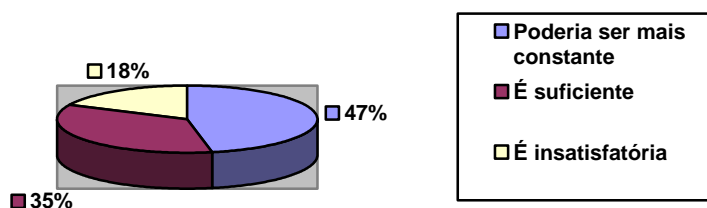


Figura 7: Gráfico que indica as fontes de pesquisa mais utilizadas

Esta é a primeira etapa de um longo processo de formulações e ações pedagógicas, mas já podemos ter como formulação ideológica fundamental a certeza de não se poder meramente esperar que o aluno de EaD já tenha atingido um alto grau de autonomia nos estudos, é imprescindível que as tecnologias sejam utilizadas de forma consciente e, nesse sentido, a ação do Professor, bem como de todos os demais envolvidos, assim como a equipe pedagógica e tutores, será determinante. Diante disto, nos impomos a necessidade de pensar ações capazes de favorecer a tomada de uma atitude comprometida e crítica por parte desses sujeitos, sendo o planejamento do tempo de estudo uma ferramenta eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que os alunos reconhecem a importância e a necessidade de programar seus estudos, além de nos indicar as principais dificuldades encontradas por eles nesse processo. Pudemos confirmar o quanto os cursos à distância são significativos para essas pessoas, visto serem uma oportunidade de suprir as carências de escolaridade, dentro das suas possibilidades reais de tempo, especialmente respeitando suas condições financeiras e de trabalho. Estes resultados são os primeiros a que

chegamos, indicam certamente a necessidade de continuidade na pesquisa, mas já nos trazem muitas possibilidades de ação junto aos discentes, por isso já podemos indicar algumas medidas em desenvolvimento e outras a desenvolver no sentido de contribuir para a formação dessas pessoas.

O NEaD, desde o início dos cursos desenvolvidos em Porto Franco, realiza visitas ao pólo, visando manter a máxima proximidade com os alunos. Essas visitas estão sendo reorientadas para oferecer aos alunos informações e cursos referentes à consolidação da autonomia e estratégias de planejamento. Também a ação da mediadora pedagógica, responsável pelo acompanhamento pedagógico no ambiente virtual, tem como um dos seus eixos a motivação e auxílio às estratégias de gestão do tempo de estudos pelos alunos. Com essas ações deveremos atender as reivindicações referentes ao melhor acompanhamento da coordenação e também suprir fragilidades no que tange à autonomia, ao planejamento, à motivação e outras questões relacionadas.

Ratificamos a necessidade de cursos e treinamentos para melhor utilização das ferramentas da internet e outras mídias e também a importância da Biblioteca no pólo de Porto Franco, onde é possível a consulta e empréstimo de obras de referência e periódicos. Essas iniciativas serão reforçadas pela realização de projetos de práticas de leitura, com o objetivo de estimular o uso de diferentes meios (impressos e virtuais), formando o aluno pesquisador.

Uma conquista que deverá agregar muito valor aos nossos projetos é a breve integração ao quadro funcional do NEaD de Orientadores Pedagógicos, conforme Edital No. 078/2009 – PROEN/UFMA para provimento de 6 (seis) vagas em Regime de Dedicção Exclusiva. Conforme parágrafo 4 do referido edital, essas vagas “são para exercício da docência na Universidade, para atividades previstas no âmbito do Programa “Universidade Aberta do Brasil” (UAB)”. Esses professores ingressantes terão a obrigatoriedade de prestar serviços nos pólos, dentre eles o de Porto Franco, portanto serão aliados no sentido de manter uma ligação mais permanente e um acompanhamento mais sistemático das atividades desenvolvidas pelos/as alunos/as.

Considerando, por fim, a relevância que a discussão acerca da Educação a Distância vem assumindo hoje, dada sua expansão e resultados já alcançados, pretendemos, com este artigo, somar forças a esse debate, entendendo que as ações educativas em EaD devem buscar atender necessidades específicas, relacionando potencialidades e carências individuais, tendo como referencial maior as próprias histórias de vida de seus alunos/as, marcadas, muitas vezes, por descontinuidades nas etapas do sistema de ensino e por muitos fracassos e exclusões. Nesse sentido, o planejamento de estudos individuais se apresenta como fator primordial para a consecução do processo ensino-aprendizagem nessa modalidade.

REFERÊNCIAS

- Aretio, G. (2009) “Educação a distância: conceituação”, <http://www.cciencia.ufrj.br/eduead.htm>, junho.
- Bauman, Z. (1999) “Globalização: as conseqüências humanas”. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro – Brasil.
- Belloni, M. L. (2002) “Ensaio sobre a educação a distância no Brasil”. In: Educação & Sociedade, v.23, n. 78, abr/, 2002, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200008, Julho.
- Chartier, R. (1997) “A ordem dos livros”. Passagens, Lisboa.
- Morais Filho, L. A. O (2009) “Que significa a autonomia do aluno de EaD fundamentada na flexibilidade do tempo e do espaço”, <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos>, julho.
- Preti, O. (2000) “Autonomia do Aprendiz na Educação a Distância: significados e dimensões”. In: Educação a Distância: construindo significados, Editado por Oreste Preti. NEAD/IE-UFMT, Cuiabá.
- Preti, O. (2009) “Bases Epistemológicas e Teorias em Construção na Educação a Distância”, http://arquiteturaspedagogicas.pbworks.com/f/Oreste_EaD_bases_conceituais.pdf, junho.
- Roca, Octavi. (1998) “A autoformação e a formação à distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem”. In: Para uma Tecnologia Educacional, Organizado por Juana Maria. ArtMed, Porto Alegre – Brasil.
- Sancho, J. M. (1998) “Para uma Tecnologia Educacional”. ArtMed, Porto Alegre – Brasil.
- UFMA. Edital No. 078/2009 – PROEN, <http://www.ufma.br/paginas/editais.php?cod=1279>.